

PRAÇA OPERA CÔNDOR

Decreto nº 5762 de 17-07-1979

Formada pela praça sem denominação do Jardim Flamboyant

Situada entre as avenidas Palmital, Palestina e José Bonifácio

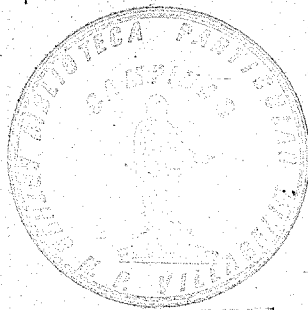
Jardim Flamboyant

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Francisco Amaral. Protocolado nº 12.584 de 02-05-1979, em nome de Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos.

OPERA CÔNDOR

Felicíssima a iniciativa do jornalista e historiador de Campinas João Baptista de Sá, o Jolumá Brito, na qualidade de membro da Comissão de Nomenclatura de Ruas, em propor os nomes das composições do genial maestro Carlos Gomes para a denominação de praças da cidade. Esta é uma delas. Em sua justificação, diz Jolumá Brito que Carlos Gomes encontrava-se em grandes dificuldades em Milão, por volta de setembro de 1890, quando foi procurado pela direção do afamado Teatro Scala, que necessitava de uma ópera para a temporada de fevereiro ou março do ano seguinte. Mistér era, que atendesse aos diretores do importante teatro italiano. Felizmente estava com um libreto quase pronto para um melodrama dramático escrito por Mario Canti, intitulado Côndor. Debruçou-se com afinco sobre o trabalho e antes do prazo estipulado entregou aos empresários a sua nova obra. Os diretores da casa de espetáculos ficaram boquiabertos. Todos os personagens do Côndor eram de grande importancia, o que satisfazia os desejos dos italianos. Já em janeiro de 1891, o Côndor entrara em ensaios e sob a regência do maestro Mugnone, a 21 de fevereiro, perante grande público foi estreado no maior teatro italiano. O Côndor foi acolhido pela platéia, com entusiasmo, sem generosidade alguma, pois que estrugiam os aplausos a cada trecho da orquestra, a cada número cantado pelo excelente conjunto do Scala. A imprensa no dia seguinte, registrava a nova vitória do maestro brasileiro, entendendo o crítico de "Il Sécolo" que "Gomes havia se avisado, modernizando-se e que seu trabalho era de inestimável valor e digno dos maiores encomios". Côndor é uma opera-baile em três atos. A ação de registra em Samarkand e arredores, no século XVII. No primeiro ato Odaléa recebe a visita do estrangeiro Côndor, chefe das hordas negras, que cai de joelhos aos pés da rainha, explodindo em frases de amor, que não pode dominar, embora saiba que seu delito não tem perdão. A rainha repele-o e previne que ele está arriscado a morrer, ao que Côndor replica que só quer a morte das mãos reais e apresenta seu proprio punhal. Comovida e hesitando sobre

qual sentença proferir, aconselha-o a fugir; ele recusa resolutamente. Com a aproximação de pessoas da corte, Odaléa aponta para Côndor, que diz ser o réu. Mas está perdoado, porque é um louco e se afasta em companhia da corte. No 2º ato Côndor aparece travestido de cavaleiro armado, e o povo discutindo o seu perdão promete fazer-lhe guerra. Durante a prece, Côndor encontra sua mãe Zuleida, fora da mesquita, e enquanto dialogam, ouve-se vozes com "Socorro à Rainha!". Apesar das súplicas de sua mãe, obedece aos impulsos do amor, parte veloz. O povo sai assustado às ruas e Adin dirige-se ao Mufti informando que uma turba selvagem tentou roubar a rainha. Logo depois o cortejo da corte começa a desfilar, vendo-se a rainha conduzida em palanquim e ingressa na mesquita. Odaléa ordena que lhe tragam à sua presença o heróico guerreiro, que na confusão do assalto mal pôde ver. Um grupo de soldados acompanha Côndor desarmado, enquanto a multidão grita "Salteador" a rainha o chama de louco. Zuleida aproxima-se de Odaléa e o indica como o herói que a salvou, Côndor, filho do grande Amurath. Todos duvidam, mas Odaléa após um exame, percebe que aquele homem não poderia pertencer à plebe. Pesa-lhe o remorso de haver tratado com desdém aquele que tem nas veias sangue igual ao seu. Odaléa domina a inquietação do povo e proclama Côndor o emir de sua guarda, contra o alvoroço e protesto de todos. Côndor prosta-se a seus pés e declara que a ama. De longe, o povo continua a aclamar "Morte à Côndor!". O 3º ato passa-se no chalet real. Vê-se Odaléa agitada, rodeada pelo ódio, desacato e pela guerra, e acha-se só. Côndor aparece com Zuleida que é censurada por Almazor e o filho responde com insulto. Zuleida insiste que Côndor se vá, abandone tudo. Após a luta entre o ciúme e a paixão a rainha confessa à Côndor que é a ele quem ama. No momento em que os dois se enlaçam ternamente, ouve-se vozes de "Morte à Condor!". É a revolta. Côndor está perdido. Porém, ele nada recua, está disposto a afrontar a turba feroz. Odaléa o conduz ao fundo e mostra a cidade incendiada. Soldados e povo armados invadem a cena, clamando por vingança. Para salvar a rainha, Côndor tira o punhal e suicida-se. Odaléa em desespero, apanha o punhal de Côndor e pede ao povo que com ele a mate. Todos se retraem horrorizados.



DECRETO N.º 5762 DE 17 DE JULHO DE 1979.

DENOMINA PRAÇAS NO MUNICÍPIO DE CAMPINAS

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 — Lei Orgânica dos Municípios,

DECRETA :

Artigo 1.º - Ficam denominadas as praças a seguir descritas:
"Praça Opera Condor" a praça sem denominação do Jardim Flamboyant, situada entre as ruas Palmital e Palestina e a Av. José Bonifácio;
"Praça Opera-Salvador Rosa" a praça sem denominação do Jardim Chapadão, situada entre as ruas do Açúcar e Quintino Bocaiuva e a Av. Governador Pedro de Toledo;

"Praça Opera Lo Schiavo" a praça sem denominação da Vila Castelo Branco, situada entre as ruas Montesa, Mario Sidow, Raimundo Correia e Av. Ibirapuera.

"Praça Opera Fosca" a praça sem denominação da Vila Boa Vista, situada entre as ruas das Acácias, dos Cedros, dos Ébanos e dos Ipês Brancos.

"Praça Opera Maria Tudor" a praça sem denominação do Jardim do Lago, situada entre as Avenidas Moisés Gadia e Adão Focesi.

Artigo 2.º — Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 17 de Julho de 1979.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito Municipal de Campinas

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
Secretário dos Negócios Jurídicos

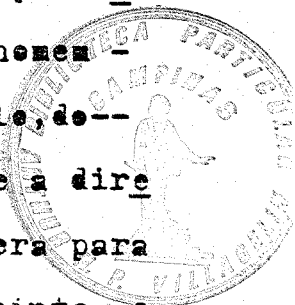
ENG.º LUIZ ANTONIO LALONI
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 12584, de 2 de maio de 1979, em nome da "Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos", e publicado no Departamento de Expediente do Gabinete do Prefeito, em 17 de Julho de 1979.

DR. ALFREDO MAIA BONATO
Secretário-Chefe do Gabinete do Prefeito

PRAÇA OPERA CONDOR

ANPV 1 36724



Calers Gomes em 1890 vivia os piores dias e momentos de atribulações com suas dívidas, com elementos de sua família com opositores aos seus trabalhos, com empresários e principalmente com a falta de dinheiro, e que mais leva o homem ao desespero. Era ele, como repetia sempre: "Seu cabeclo, de -- bre e mas não quebre! Fei nesse transe de sua vida que a diretoria de Scala foi procurá-lo. Necessitava de uma ópera para a temporada lírica de fevereiro ao março do ano seguinte, e estavam em setembro de 1890. Mister era, no entanto, que atendessem aos diretores do imperante teatro italiano. Felizmente estava com um libreto quase pronto para um melodrama dramático escrito por Mario Cinti, intitulado Condor. Dia e noite, encerrado em seu estúdio, e tenico ali passava, às vezes sem se alimentar, continuamente tomando somente café e... mais--- café! Era só! Não atendia amigos, sempre nervoso, não escrevia para ninguém para que no prazo estipulado entregasse a encomenda aos diretores de Scala, que era um dos maiores, senão o maior teatro da Italia. Afinal sem mesmo vencer o prazo estipulado, eu um mes e repais entregava aos senhores empresarios, prontinha, seu novo trabalho. Os diretores da casa de espetaculos ficaram boquiabertos. Todos personagens de Condor eram -- eram de grande importancia, como o era o teatro para o qual -- fora escrito. O libreto não era como se escrevia no jornal de A Gazeta de Notícias, de Rio de Janeiro, quase sem interesse -- dramático. Que poderia saber o jornalista carioca respeito de seu trabalho, distante como se encontrava do cenário de seus trabalhos? -- "Eu não soube menino de escola --" escreveu Carlos -- Gomes a um seu amigo, -- "para aceitar a responsabilidade de escrever uma ópera para o Scala, sem um libreto digno de teatro e de seu publico exigente. O enredo, sem ser abelusta noviçade é como os outros, a Aida, de Verdi, o Rei Laher, etc.. Não ha nada de neve sobre a terra. O genero humano por outro lado também já está tão blasé que nada mais lhe causa espanto, nem comove, a minha música é como todas as outras escrita sobre as -- cinco linhas de costume." E, o interessante é que os amigos e

OSP)
cas

P.

2

979

freqüentadores de sua casa naqueles dias, era a nat dos composi-
siteres italianos tais como Mascagni, Puccini, Verdi, Ponchielli,
Faccio, Giordano, e poeta Felício Cavaletti, além de outras-
importantes personalidades. Já em janeiro de 1891 o Conde en-
trara em ensaios e seria regente na noite da estreia o impu-
sivo Toscanini, que em virtude disto foi logo substituído pe-
lo maestro Mugnone, de maneira que em 21 de fevereiro daquele
mesmo ano, perante grande público como era de esperar quando-
se anunciava um trabalho de compositor campineiro, novacento,
como na primeira noite de Il Guarani, tudo se tornou em momen-
tes de glória para o maestro. Era como se fosse em 19 de mar-
ço de 1870 quando o Tenico de Campijas viu aquele enorme pu-
blico na plateia de Scala e ouviu vibrantes palmas e gritos
entusiásticos de "bis", "brave" que ainda estavam em seus ouvi-
dos havia tantos anos. O Conde foi acolhido pela plateia, --
com entusiasmo, sem generosidade alguma pois que strugiam os
aplausos a cada trecho da orquestra, a cada número cantado pe-
lo excelente conjunto de Scala. A imprensa, no dia seguinte, re-
gistrava a nova vitória de maestro brasileiro, entendendo e cri-
tice de Il Século que "genes havia se suavizado, modernizando
se a sssim o ilustre maestro aceita em parte os motivos con-
dutores (os leif motifs) de Wagner e um dos principais temas --
le no prelúdio da ópera. E se tinua o jornal afirmando que o
novo trabalho de Genes era de valer inestimável e digno dos
maiores elogios principalmente pelos que aceitam sobre o --
drama lírico ideias mais compatíveis com o bom senso e bom --
gosto." E precisa se escrever mais sobre o triunfo obtido --
per Antonio Carlos Genes áquela altura de sua vida?